

Editorial

O edital, intitulado “Morfologia urbana: conceitos e métodos, projetos e teoria do projeto”, convidou arquitetos e urbanistas para a discussão teórica e conceitual de proposições projetuais cuja matriz criativa e/ou metodológica estivesse na construção e discussão do conceito de morfologia urbana e seus consequentes instrumentos de análise.

Para colaborar nesta edição, convidamos Heraldo Ferreira Borges que, conjuntamente com Denise Antonucci, ambos da FAU-Mackenzie, organizaram e coordenaram, no mês de setembro de 2024, a XXXI Conferência do Seminário Internacional sobre Forma Urbana (Isuf, 2024), que contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Mackpesquisa. A edição, sob o tema “Horizontes futuros para a forma urbana: ruptura, continuidade, expansão e reverberação”, realizou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Heraldo Ferreira Borges comenta, em “Morfologia urbana no Brasil: o patinho feio?”, o tema desta edição enquanto consolidado como campo disciplinar a partir de meados do século XX e anuncia que, já no século XIX, movimentos intelectuais significativos preparavam o terreno para essa consolidação.

Em “Dinâmicas macrometropolitanas em cidades de médio porte”, Anderson Dias de Almeida Proença e Mirella Câmara Carrilho analisam a expansão urbana de Atibaia. Tendo como referencial a inserção de uma cidade de médio porte no contexto de especialização socioeconômica própria ao paradigma de cidade-região da Macrometrópole Paulista, o artigo tem como objetivo central compreender como as dinâmicas territoriais em escala macrometropolitana impactam na expansão do tecido urbano recente da cidade.

Giselle Fernandes de Pinho e Ana Cláudia Duarte Cardoso, no artigo “Biourbanismos amazônicos: os milenares *athromes* amazônicos”, exploram a formação estrutural dos *anthromes* amazônicos. O artigo aplica conceitos e ferramentas da Escola Italiana de Morfologia no que diz respeito à teoria da estruturação espacial do território baseada na cultura e no processo tipológico territorial, considerando fatores como organização social, mobilidade e capacidade transformadora.

Em “O caminhar e a (re)significação do espaço urbano no centro de Florianópolis”, as autoras Rachel Fonseca, Maíra Longhinotti Felippe, Julia Medeiros Alves e Gabriela Ferreira Ávila exploram as conexões emocionais e sensoriais na



relação pessoa-ambiente no meio urbano em Florianópolis, através de derivas urbanas e entrevistas no Centro Histórico da cidade.

No artigo “Ferramenta QualificaURB: análise da qualidade socioambiental de praças urbanas reformadas”, Larissa Letícia Andara Ramos e Luciana Aparecida Netto de Jesus apresentam uma análise da qualidade socioambiental de praças urbanas, com ênfase naquelas que passaram por reformas durante a gestão municipal 2021-2024 no município de Vila Velha.

Alexandre Hepner, em “Morfologia urbana e o desenho urbano no contexto do urbanismo crítico brasileiro”, busca realizar uma discussão sobre correntes teóricas contemporâneas da morfologia urbana e do desenho urbano, identificando contribuições recentes de autores europeus que permitem uma aproximação dessas disciplinas com o pensamento urbano crítico no Brasil.

OUTRAS PESQUISAS

Júlio Gadelha em “O papel do usuário: coletivos Arquitetônicos e o projeto participativo”, discorre sobre como os coletivos de arquitetura e urbanismo, ao considerar a participação do usuário nos processos de projeto e de construção, podem ampliar o papel do usuário, tendo-o como protagonista.

Em “Mobilidade urbana sustentável na adaptação à emergência climática: o espaço público em disputa”, Gabriel Schvarsberg, André Luís Paiva Gonçalves de Oliveira e Silva e Emanuela Rocha, abordam relações entre mobilidade urbana, espaço público e inequidades no contexto da emergência climática. Tomando como ponto de partida o profundo impacto das tragédias socioambientais que acometeram a cidade de Petrópolis, decorrentes de chuvas intensas ocorridas no verão de 2022, investigaram a produção do espaço agravada por vulnerabilidades a eventos climáticos extremos e como distintos lugares e estratos sociais são afetados de forma desigual.

No artigo “Estado do conhecimento quanto ao imposto predial e territorial urbano: uma análise bibliométrica e integrativa da produção científica brasileira”, Anna Laura Pereira Rossi e Tomás Antonio Moreira analisam o estado do conhecimento sobre o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) no Brasil. Por meio de uma abordagem metodológica que combina análises quantitativas e qualitativas, selecionam diversas bases de dados e aplicados critérios de inclusão e exclusão para identificar estudos relevantes no período de 1980 a 2020.

*Maria Isabel Villac
Rafael Schmidt*



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

v. 25 n. 2 JUL./DEZ. 2025 • ISSN 1809-4120 |

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau> |

DOI 10.5935/cadernosplos.v25n2p10-11 |